

# BRASIL-PORTUGAL

16 DE MAIO DE 1899

Conselheiro *Ferreira do Amaral*



COMMANDANTE DO "ADAMASTOR"

## Chronica Electrica



ONDA cresce, os acontecimentos precipitam-se, e se houvesse a preocupação de os registar todos, desde os que assignalaram o ultimo periodo de abril até aos que marcam a primeira metade de maio, havia de reconhecer-se a impossibilidade, porque seriam acanhadas para contel-os todas as columnas d'esta Revista.

Por conseguinte, nunca se impoz mais do que hoje a necessidade de justificar o titulo que ao alto d'estas linhas se lê todos os quinze dias.

Findou abril com uma batalha em que as combatentes tinham por divisa: mocidade e formosura. e em que as armas do combate eram rosas, violetas e madrenilvas. Maio encontrou ainda juncado de flores todo o estrado da Avenida, e sobre ellas fez passar o cortejo dos operarios, que celebravam a sua festa annual e, por entre alas compactas como na vespera, sob o mesmo sol de triumpho, ao som das musicas, ostentavam os emblemas do trabalho.

Depois de uma viagem gloriosa, consoladora para o nosso brio patriótico, utilissima para os nossos interesses nacionaes, entrou em Lisboa o *Adamastor*, trazendo de longes terras pedaços do coração da patria e recordações vivas dos que por serem estrangeiros não deixam de ser portugueses.

O Algarve e o Alentejo escolheram a primeira metade do mais bello mez do anno para deporem junto do monarcha portuguez brilhantissimas homenagens de sympathia pela sua personalidade amavel e pela sua casa dynastica. E se, nas aguas algarvias, o espectáculo da pesca, tão differente dos da corte, por igual maravilhou o olhar attento e o espirito curioso do rei e o de sua gentil e augusta esposa, o Alentejo quiz mostrar ao chefe do Estado que a bizarra hospitalidade portugueza nada perdeu da sua poderosa tradição, e que na terra alemtejana que mais vestigios guarda da historia do reino se pode conjugar com o respeito de um passado glorioso o amor do trabalho e do progresso.

•  
•  
•

Rosas e goivos, lagrimas e risos. Assim foi sempre, assim continuará a ser. Por cada berço deve contar-se um tumulo, por cada vida que surge uma vida que se extingue, por cada riso que desponta uma lagrima que brota! Estação de flores, que importa isso? A morte não suspende a sua tarefa, nem escolhe o tempo para poupar as suas victimas, nem para fulminar os que condemna deixa de entrar n'um baile, n'uma festa ou n'um jardim!

Estes dias curtos em que tantas festas pareciam reunir se para fazerem esquecer coisas tristes, escolheu-os de preferencia a morte, para conturbar o animo dos mais corajosos e mostrar a omnipotencia da sua crueldade.

A morte feriu em pleno peito a sciencia portugueza roubando-lhe a figura lidima e grandiosa de Manuel Bento. Lancou a consternação n'uma cidade inteira, separando, á fórma de guilhotina, de um corpo animado robusto uma esvelta cabeça de velho depois, ao coração de um artista amado do publico pelo talento e pelo caracter arrancou a fibra mais delicada, ao arrancar-lhe a pessoa mais querida. E para rematar a sua obra de destruição roubou á sociedade portugueza um homem que pelo trabalho ha muitos annos a serviu benemeritamente em terras do Brasil, e hoje mantinha em exemplarissimas obras de caridade a tradição de um nome honrado.

Mas... fechemos o registo funebre, que não é bem esta a missão d'esta chronica, e voltemos o espirito para o espectáculo admiravel da entrada no porto de Lisboa d'esses poderosos navios da esquadra ingleza e da esquadra allemã.

Orgulhemo-nos d'esta visita imponente, recordemo-nos com desvanecimento dos aureos tempos da nossa epopeia maritima, e ponderemos, com intima consolação, que na ampla bacia do nosso Tejo, apesar de já reduzida e apertada, occupam um pequenissimo espaço as duas maiores potencias da Europa.



## INEDITOS

Da Esperança Nossa

A Manoel Penleado

Não é injusto o Deus que á creatura  
Poz diante dos olhos tanta luz...  
Se a porta para o Ceu é a sepultura,  
Tem um degrau, p'ra cada lado, a cruz.

Linda — e que linda é a cruz da minha vida! —  
A cruz do teu abraço em que me abrazas:  
— Minha cabeça, ao alto, em ancia, erguida...  
E por debaixo, em recta, as tuas azas

O amor m'a deu, e dando-m'a de rastros  
A olhar a terra vim p'lo que soffri;  
Ergui-a um dia; era um degrau p'ra os astros,  
Um passo mais, portanto, para ti.

E trepei-a com ancia, e outra veio,  
E mais outra, e mais outra... e era uma escada...  
Até que os labios meus sobre o teu seio  
Marcaram o meu ponto de chegada.

Olhei p'ra baixo: era uma cruz florida  
Que o ceu á terra unia n'um clarão...  
Mas, o ceu era em baixo: — a nossa vida —  
E a terra o sonho que eu pisava então.

Vós todos que soffreis, como eu soffria,  
Tendes á mão as rosas que aqui ponho;  
Amae: se o amor não vos mostrar o dia,  
Eu corto a mão que me escreveu tal sonho!

Isto tem de passar-se a amar depressa  
Que Deus, embora em nós sabio e perfeito,  
Nos olhos luz, justiça na cabeça,  
Só fica Deus quando nos chega ao peito.

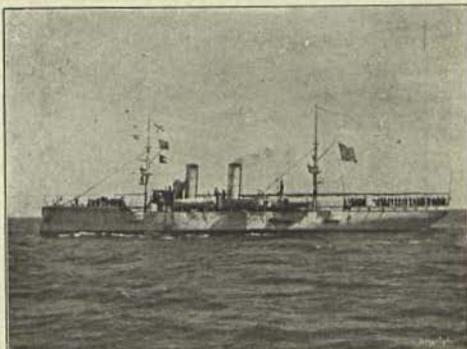
Toma então conta d'elle esta anciada  
Do nosso coração sempre a bater...  
Bater aonde? á porta da verdade!  
E p'ra quê? para entrar, para morrer!

## O regresso do "Adamastor,,

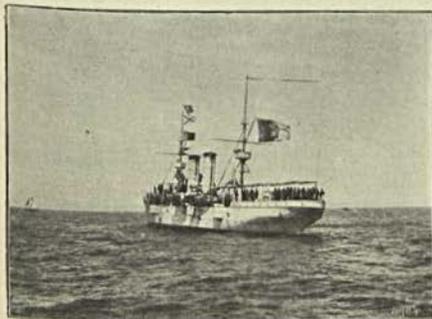
**D**EPOIS de uma bella viagem de seis meses em visita aos portos brasileiros, regressou no dia 3 de maio, ao Tejo, o cruzador *Adamastor*. Belo e elegante barco de guerra da nossa marinha, mandado construir em Livorno, nos estalleiros da casa Orlando, a expensas da *Grande Commissão da Subscrição Nacional*.

A sua chegada ás aguas patrias, foi, como era de ver, festiva e jubilosa. Varias corporações das mais importantes da capital foram esperal-o á barra em vapores para este fim alugados.

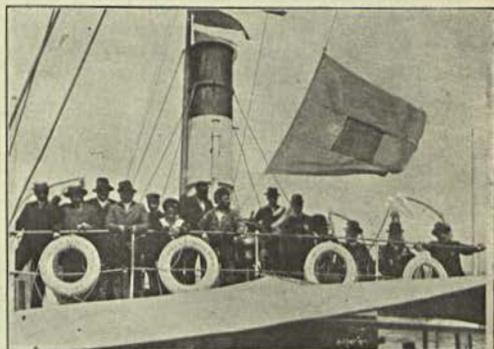
Nas gravuras que publicamos n'esta pagina, destaca-se o vapor *Victoria* que conduzia a seu bordo muitos socios da Sociedade de Geographia. Entre elles distinguem-se encostados á amura os srs. Ernesto de Vasconcellos, Luciano Cordeiro, Sarrea Prado e outros amigos pessoas do conselheiro Ferreira do Amaral, presidente da dita Sociedade, com cujo retrato honramos a primeira pagina d'este numero do *Brasil-Portugal*. As duas casas do parlamento lançaram na acta um voto congratulatorio, saudando pela eloquencia dos seus oradores o regresso do navio que vinha de cumprir uma commissão de serviço, toda de sympathia e estreitamento de relações entre dois povos amigos, separados pelo Oceano mas unidos pelo idioma, pela historia, e pelo affecto que os fraternisa atravez a distancia a que se encontram um do outro.



O *Adamastor* no alto mar



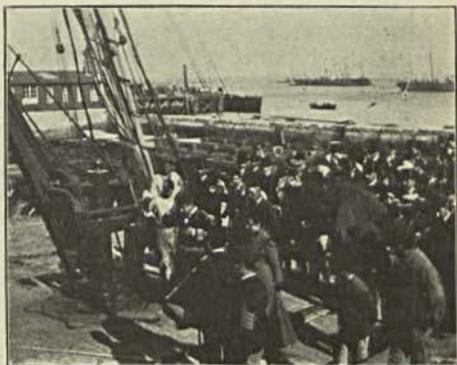
O *Adamastor* entrando á barra



A ponte do *Victoria* na occasião de avistar o *Adamastor*



O escaler conduzindo o commandante a terra



Desembarque do commandante

# TOIRADAS



Casamento de Alfonso XII com D. Mercedes. — Uma toirada real em Madrid — *Quadro de Moreno Rodrigues*



Em campo fechado — 1114 — *Composição de Roque Gameiro*



Um combate de feras no Colyseu de Roma — *Quadro de Wagner* — (Museu de Berlim)



Apartando o gado — *Quadro de Diez*





## Maria

Posso lá esquecer isto!...

Um casalejo branco entre arvores. Havia por ali azenhas onde, nas noites claras de luar se escutavam não sei que magoas de corações malfadados; e entre altos caniçados, o rio — um luminoso fio d'agua correndo sobre areias d'oiro fino — cantava e fugia. Em manhãs de verão era suave olhar a paisagem do alto da ponte. A roupa lavada, estendida na verdura da relva, cheirava a sol; o gado melancólico pastava nas collinas; e na frescura consoladora das sebes que as amoras já maduras perfumavam, os idyllios mais adoraveis de candura que os meus olhos têm visto. Por vezes sentia-se o barulho forte dos remos batendo nas aguas silenciosas; e das cearas maduras vinha um brilho d'oiro vivo e um forte sabor de saude.

Virgilio passava ali compondo doces bucolicas.

Fiquei-me um dia a pensar se seria o encanto d'este retalho de paisagem quasi biblica, a amorosa convivencia com os lagos e com as arvores que formaram assim a alma de Maria enchendo-a do profundo sentimento das coisas.

As suas mãos eram alvas como o linho mais puro dos altares, e os olhos, meu Deus, os olhos eram verdes, tão verdes como as da Joanninha do Valle de Santarem.

Já na menicene ella tinha um languido geito contemplativo que fazia scismar, e quando olhava para os altos ceus a sua fronte cobria-se de luz. Era então que as almas ingenuas lhe chamavam Nossa Senhora. Nossa Senhora! Ha no coração dos humildes uma tocante candura é uma tão viva intuição da alma humana que enternece e surprehe. Maria lembrava bem essa suave judia branca como vergéis d'assucenas em flor que outr'ora encheu as almas d'um profundo encanto e que hoje vem perfumando toda a lenda christã.

Nas noites escuras, se ella passava, um nimbo de luz ficava clareando os caminhos asperos e até as arvores pareciam rezar.

Era bem Nossa Senhora!

... N'esse tempo estava eu doente na aldeia; e como a encontrasse á beira do casal fazendo renda, escutei-lhe a voz clara como sinos d'oiro e de crystal cantando na tristeza dolorida dos poentes:

— Maria, quando d'aqui me fór embora, hei-de ter muita pena!

— Pena de quê, meu senhor?

— Não sei; mas hei-de sentir uma grande saudade d'estas arvores, d'esta casinha branca, da minha amiga, de tudo! Vá lá a gente esquecer estas coisas quando ellas penetram toda a nossa vida! Se as perdemos um dia é como quem perde um ser muito amado!

Olhava-me surprehendida com esses olhos que sempre foram o meu enlevo:

— Ha uma coisa que eu lhe queria dizer, mas tenho medo, porque todas as mulheres a quem falo n'isto costumam rir-se de mim.

— Eu não rio de ninguém!

— Queria dizer-lhe que a amo muito...

Parou a renda e ficou a olhar-me com os olhos rasos de lagrimas.

Ella não podia amar, a pobre Maria que perfumava tudo á volta de si, como um cabaz de rosas que passasse na pureza do luar. Com aquelles olhos e aquella virginal alvura, era já do ceu...

Foi ahi pelo outomno que sua mãe lhe morreu.

Logo que os ceus começaram a empalidecer e das arvores caiam já folhas como andorinhas mortas, a mãe de Maria começou tambem a enfraquecer e fechou os olhos por um poente terno, quando a luz arroxêa a paisagem e as agua do rio vão quasi exangues. E morta tinha um riso tão luminoso na boca desfallecida que parecia repouar e sonhar. O puro corpo que gerou o mais immaculado coração que eu tenho amado, devia sêr assim, devia sêr do ceu! Quando foi a entererrar entre os lyrios que então floriam toda a aldeia, Maria quiz acompanhá-la até á sepultura. O caixão desceu ao coval e Maria, com a voz presa de soluços, teve este grito profundamente humano:

— Olha ainda, mãe, olha ainda a tua pobre filha que fica sosinha no mundo sem um braço amigo a que se encoste!...

... Posso lá esquecer isto!

JOÃO GRAVE.



A mulher considera quasi sempre o amigo intimo do homem que ama, como o seu peor inimigo—a não ser que... pense ver n'elle um substituto...

Amare-se com igual amor é para os amantes a primeira ventura; a segunda consiste em deixarem de se amar ao mesmo tempo.

Não sejas como a agua que se tinge de todas as côres.

(PROV. SYRIACO.)

Quando fôres visitar o lobo leva o cão contigo.

(PROV. SERVIO.)

Vê-se mais o vicio do que a virtude, porque o vicio é vaidoso e a virtude modesta.

NOCEDAL.

Não estamos verdadeiramente curados do amor que tivemos a uma mulher senão quando não sentimos curiosidade em saber com quem ella nos esquece.



## Dr. Manuel Bento de Souza

N o mesmo funebre recinto, onde um dia antes, uma parcella do nosso povo, affirmava com um entusiasmo louco e febril aspirações que merecia, mas cuja comprehensão nitida e convicta mal se coaduna com a sua crassissima ignorancia, ficou dormindo o eterno somno um filho d'esta terra, em quem sobraram patriotismo, intelligencia e honra para indicar o caminho e conduzir á felicidade e á gloria a patria portugueza.

Este portuguez excepcional chamava-se Manuel Bento de Souza.

Estranha e amarga coincidência esta, que a um tempo fez convergir ao necrotério dos Brazes — um povo vivo, ansioso de luz que lhe falta, e uma luz extincta á mingoa da vida que lhe foge. E nenhum povo se illuminára melhor com essa luz, como nenhuma tivera qualidades mais exaltadas para vivificar esse povo!

Que pena que faz ver o retraimento de certas intelligencias privilegiadas, reciosas de ver empanado o brilho pela mediocridade esteril, a mordacidade invejosa e o egoismo revoltante!

Fagueiras nuvens da bonança como sinistros nimbos da tempestade occultam e jamais empanam o esplendor do sol que brilha sempre...

Incomprehensivel para muitos a impressão que venho accentuando — não o será decerto aquelles que de perto conheceram Manuel Bento de Souza.

Não ha exaggero em affirmar que do seu tempo nenhuma intelligencia se lhe avantajou em clareza, nenhum portuguez no amor que consagrava á patria, nenhum politico na energia e força da vontade, nenhum homem de bem na independencia do caracter e culto da honra, nenhum dos mais argutos, olympicos e calmos heroes d'esta terra, na redução á verdade inabalavel das mais nebulosas questões de que se assenhoreasse o seu espirito, na magestade nativa e espontanea da sua personalidade e na imperturbavel serenidade do seu pensamento, da sua palavra, dos seus escriptos, de todos os actos da sua vida.



Arrependimento do que disse ou escreveu — nunca o teve, — porque a palavra ou a penna obedeceram sempre com justiça — como nunca se viu em nenhum orador ou escriptor portuguez — fosse qual fosse o assumpto — ao seu pensamento; e este, depurado n'aquella permanente e tão caracteristica concentração do seu espirito — foi sempre exteriorizado em toda a sua pureza e na unica expressão de toda a verdade.

Quem ha ahi que reuna, quem houve que reunisse, como este homem, um tão raro conjunto de predicados, para presidir, com justiça aos seus merecimentos e com proveito para este povo, aos destinos da patria portugueza? Ninguém.

Estava na indole de Manuel Bento de Souza, d'este homem que foi sempre igual em tudo, o que importa dizer sempre grande, quer nas questões da sciencia que cultivou, quer nas que lhe eram estranhas, o não ostentar por decisão propria tão preciosas qualidades. Não vá alguma irritada mediocridade inferir d'este facto uma duvida maliciosa sobre a realidade dos não revelados, mas excepcionaes e incontestaveis dotes de politico do nosso saudoso mestre. Foi sempre essa, por indole que não por calculo, a sua regra, — e em todas as manifestações da sua robustissima intelligencia, que tanto o nobilitaram, na sciencia como nas letras, Manuel Bento de Souza nunca se revelou espontaneamente; — foi sempre obrigado a revelar-se, pela lei no campo da sciencia, — por incitamento dos seus amigos no dominio das letras.

Pois bem: — houve um espirito superior, um dos mais prestigiosos dirigentes d'este paiz, e um dos raros caracteres immaculados da politica, que reconheceu e apreciou com sincero entusiasmo aquella superioridade.

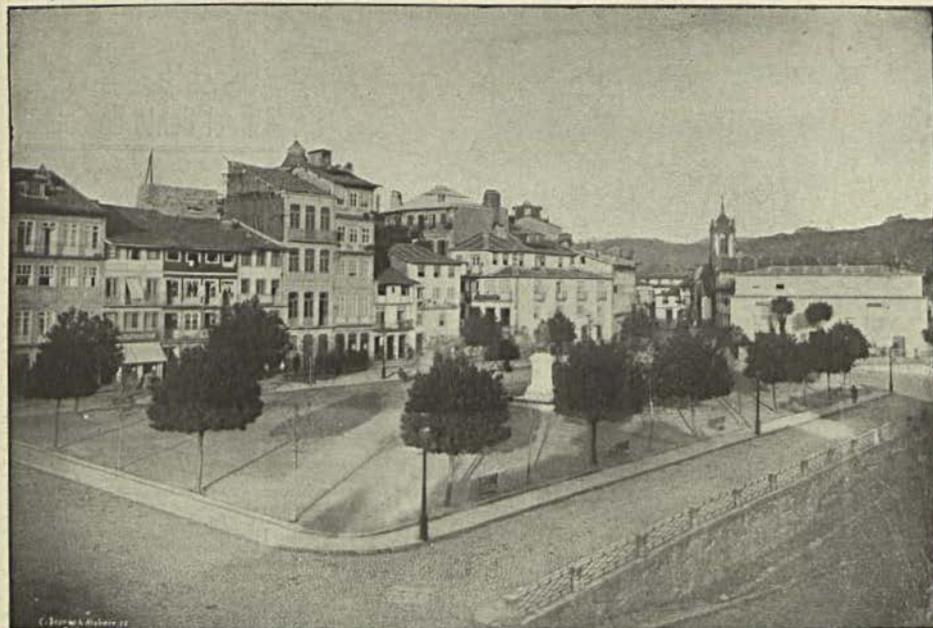
Chamava-se Anselmo Braamcamp. O venerado chefe do partido progressista, — Deus sabe com que designios — instou com Manuel Bento de Souza, para que accettasse o pariato, e com tal arte se houve em provar-lhe a justiça e necessidade da nomeação que Manuel Bento não recusou. Por intrigas e enredos, conduzidos com mão de mestre, por alguém, que já não é d'este mundo, — e cujos talentos incontestaveis corriam parelhas com o septicismo do caracter, — desistiram enojados — Braamcamp de premiar tão altos meritos e Manuel Bento de aceitar a consideração com que quizera distingui-lo o seu cliente e amigo.

Raras vezes o paiz e a politica portugueza terão soffrido tão grande desventura. Como homem de sciencia, a gloria da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa que acaba de se extinguir — era a unica portugueza que, dadas outras condições de meio, podia no campo da sciencia rigorosa, da pratica e da descoberta — affrontar as mais celebradas do estrangeiro. O eminente professor, que tinha carinhos de pae para os discipulos que o adoravam, que os enchia de assombro pela concisão, clareza e força d'argumentos de todas as suas preleções, — qualidades tão invejadas e enaltecidas por Souza Martins, — e o unico cuja firmeza de mão podia oppôr-se á de Claude Bernard e cujo rigor de demonstração podia egualar-se ao de Pasteur.

E a este respeito não creio que haja em todo o Portugal uma só voz discordante de quantos conheceram de perto o nosso illustre compatriota.

Como clinico — foi o maior do seu tempo. A observar um doente, a coordenar os elementos d'um diagnostico, a justificar a sua opinião n'um caso intrincado e obscuro, a deduzir um prognostico e a formular uma therapeutica — Manuel Bento era, como em tudo, originalissimo, e como em tudo, tinha uma maneira sua, individual, inimitavel. Quem, como elle, soubesse fazer obra grandiosa e proficua, com pequeninas nadas destacadas da historia d'um doente, desprezados pelo vulgar dos clinicos e furtando-se até á sagacidade dos mais perspicazes, nunca eu vi, nem espero ver.

Dulcissima e consoladora consequencia de tão rara penetração, de tanta confiança em tão sublimada sciencia, e de tanto conforto em tão serena bondade — quantas vidas arrancadas á morte! quantas lagrimas aqui choradas pela sua morte! quantas se não verterão além do Atlantico!



Guimarães

ESTA velha cidade portuguesa, á qual se ligam as mais nobres e curiosas tradições da nossa historia como paiz independente, é não só uma das mais bonitas, mas tambem das mais laboriosas do paiz.

Segundo a chronica, foi fundada pelos gallos celtas quinhentos annos antes de Christo. Alguns auctores sustentam que ella é a celebrada Araduca, e outros que o seu primitivo nome era Vimaranes, derivado das palavras latinas *Via maris* que se encontraram escriptas n'uma torre da primitiva povoação que depois ficou fazendo parte do castello. N'ella nasceu D. Afonso Henriques, o primeiro rei portuguez, que ali estabeleceu a sua corte. O templo de Nossa Senhora da Oliveira mandado edificar pela condessa Mumadona tia de D. Ramiro II rei de Leão, e depois restaurado pelo conde D. Henrique, tem as honras de capella real, collegiada, e privilegios de sé cathedral. N'elle existe a pia em que foi baptisado el-rei D. Afonso Henriques e o oratorio de prata macissa que os portuguezes tomaram ao rei de Castella na memoravel batalha de Aljubarrota. O castello ainda conserva as suas sete torres com a de menagem ao centro.

Na cidade existem em varios pontos muitas inscrições romanas e as ruinas do paço do conde D. Henrique e do dos duques de Bragança fundado pelo 1.º duque D. Afonso. O brasão d'armas d'esta nobre cidade portugueza, é um escudo coroadado tendo em campo de prata a imagem de Nossa Senhora com o menino Jesus nos braços, e um ramo de oliveira na mão esquerda.

N'ella nasceu o papa S. Damaso, o cardeal D. Paio Galvão e outros homens notaveis e illustres. Conservou-se com a classificação de villa até ao reinado de D. Maria II, em que foi elevada á categoria de cidade.

Pertence ao arcebispado de Braga, tem 4 freguezias, e conta para cima de nove mil habitantes.

## POETAS E PROSADORES

(Perolas Dispersas)

### VENTURA

O sol na marcha luminosa vòu.  
Lançando á terra magestoso olhar;  
Passa cantando quem o ar povòia;  
E a praia abraça venturoso o mar.

No bosque o vento doce canto entòia;  
Ovem-se em còro as multidões cantar;  
Que a um só triste o coração lhe dòia.  
Que eu seja o unico a soffrir, pensar!

Por ti saudade... de quem vas tão perto.  
E a quem dos olhos e das mãos perdi  
N'este tão ermo, lugubre deserto!

Por ti, ventura que uma vez senti;  
Por ti, que ás vezes a meu peito aperto.  
E... o peito aperto sem te ver a ti!

JOÃO DE DEUS.

### FRUCTO PROHIBIDO

Escravo de essa angelica meiguice  
Por uma lei fatal como um castigo,  
Não abrigára tanta dôr comigo,  
Se este affecto que sinto não sentisse.

Que te não dôa, emtanto, isto que digo,  
Nem as magoadas falas que te disse;  
Não t'as disséra nunca se não visse  
Que por dizel-as minha dôr mitigo.

Longe de ti, sereno e resolutto,  
Irei morrer, misero, esquecido,  
Mas heide amar-te sempre, anjo impolluto.

És para mim o fructo prohibido;  
Não pousarei meus labios n'esse fructo,  
Mas morrerei sem nunca ter vivido.

ABELINO FONTOURA.

## O theatro moderno dos scandinavos



Freitas Branco

A LITTERATURA scandinava é, das modernas, a que tem lutado com mais asperos attritos para a sua admissão no convívio das letras meridionaes.

Como certas creaturas caprichosas de paladar, que presumem não gostar d'uma iguaria pelo simples aspecto, e não a provam, assim, as raças latinas, de peito feito para repugnarem o que vem do Norte, por avesso á sua indole e costumes, julgam e condemnham o que desconhecem, ou descortinham por imper-

feitos prismas, quando não é o espelho curvo da parcialidade que lh'ò reflecte em mão fraudulenta.

A esthetica varia com a intuição, com os usos, com as tendencias dos povos; o bello tem modalidades variadissimas que não podem actuar com igual intensidade em todas as alturas, mas obedece mais ou menos a certos principios fundametaes, immutaveis, que são a base da arte pura, e innatos em toda a alma dotada de senso esthetico, intuitivo ou adquirido pela educação. Ha manifestações do bello que impressionam semelhantemente o lapão, o italiano, o chinez, o patagão. Se é limitado o numero, devido aquellas e outras circumstancias, razão de sobra para augmental-o, e ampliar o horizonte esthetico, forçando cada qual por adaptar á sua natureza elementos novos, até conseguir uma assimilação perfeita.

Quantas vezes um panorama conhecido nos surprehede pela simples mudança do ponto de observação? Quantas ideias banaes nos parecem outras? Que inesperados encantos nos proporcionam, variando os atavios da forma, ou por uma leve modificação dos contornos? Estas simples ponderações nos devem estimular o desejo de conhecer as concepções poeticas de povos tão arredados de nos, filhos d'essas regiões de interminaveis noites alumiadas pelo clarão mysterioso das auroras boreaes,—a patria de pensadores e homens de sciencia como Tyge Brahe, Celsius, Linné, Thomas Barlotin, Svedenborg, Soren Kierkegaard, e tantos outros cujos nomes correm mundo, aureolados.

Não obstante, força é dizel-o, até meado d'este seculo, e ainda em tempos mais proximos, obras de grande folego, (\*) ainda hoje consideradas autoridade, trataram largamente da litteratura europea sem alludirem á scandinava, excepto por incidente.

Que flagrante injustiça, que indesculpavel menoscabo a um povo que, ha sete seculos, já rivalisava com os poemas homericos; nos *kydas* e nos *mál's* dos seus Eddas!

O Norte scandinavo não se tornou primeiro conhecido pelo genero litterario que é assumpto d'estas linhas. Podemos até dizer que apenas no seculo xviii surgiu abruptamente, elevando-se a uma altura que as tentativas anteriores mal deixariam antever. Antes do grande Holberg, — o Garrett do theatro scandinavo, — o nosso Gil Vicente, Lope de Vega, Tirso de Molina, Calderon, o cardeal Bibbiena com a sua *Calandria* (\*\*), Ariosto, Aretino Machiavelli, Marlowe, Shakspeare, Ben Jonson, Hans Sachs, Gryphius, Corneille, Racini, — para não citar outros, — dominaram sobranceiros quasi todas as creações dos seus contemporaneos da Suecia e da Dinamarca.

A Suecia teve o logar d'honra na litteratura dramatica até principio do seculo xviii, em que a Dinamarca a sobrepuzou, para no seculo xix a Noruega supplantar uma e outra. E mais cedo teria occultado na sombra as duas irmãs,

se mais cedo houvera logrado furtar-se ao dominio intellectual da segunda.

Wessel, Holberg, e outros que brilham na historia litteraria da Dinamarca, são noruegueses; mas até 1814, (ou antes 1811, a data da fundação da universidade de Christiania) embora o sentimento nacional circulasse quente nas veias do *Normand* de lei, a lingua official era a dinamarqueza com pouquissimos elementos noruegueses, e Kopenhagen o centro para onde convergiam as intelligencias dos dois povos, por ser a sede da universidade commum.

Até ao seculo xvi a lingua litteraria dos tres paizes era o latim, que ainda foi empregado nas primeiras creações dramaticas. Mas muitos homens de letras scandinavos conheciam o allemão, o italiano e o francez, porque era vulgar frequentarem as universidades de Wittenberg, Rostock, Padua e Paris. No fim d'aquelle seculo comecaram tambem a cursar a de Oxford.

Nos ultimos annos do nosso seculo Arne Garborg, escriptor norueguez de altos dotes intellectuaes, deu vida nova e poderoso impulso ao partido dos *Maalstruerer*, que lutava ha quasi meio seculo para dar foros litterarios ao dialecto do povo, que é o verdadeiro e puro norueguez. O seu exemplo encontra cada dia novos adeptos entre a geração moderna.

## II

A influencia da Reforma na litteratura allemã reproduziu-se na do Norte scandinavo. Se a traducção da Biblia, devida á penna castiça de Martinho Luthero, assentou acoela as bases da prosa moderna, aqui a obra do reformador, — vertida em linguagem vernacula pelos seus apóstolos Laurentius e Olaus Petri na Suecia, e Kristjern Pedersen na Dinamarca, — abriu o caminho onde, no seculo xvii, Jorge Stjernhjelm e Anders Arrebo collocaram outro marco de vulto, creando a poesia nacional dos dois paizes.

No seculo xiii usavam na Suecia uns cantos dialogados (lek) com acompanhamento de musica, pantomima e danças, que talvez fossem os incios da arte dramatica; mas a primeira tentativa de que haja conhecimento exacto data da implantação da Reforma n'aquelle paiz, e é devida ao proprio traductor da Biblia, Olaus Petri (Oluf Peterson). Tem por titulo *Tebie comedia*.

Esta, a *Holofernis og Judit's Historia*, d'um anonymo, a tragicomedia (como lhe chama o auctor) *Judas radirius*, e na Dinamarca a comedia *Kortvendig* (a mudança da sorte) do poeta lyrico H. C. Sthen, as pecas attribuidas a Christen Hansen, os dramas biblicos de Hieronymus Justesen (conhecido por H Ranch), e a farça *Karrig Nidding* (o velhaco avarento) do mesmo auctor, — eis o que se nos depára digno de menção no seculo xvi.

FREITAS BRANCO.

(\*) Por exemplo, Bouterwek nos 12 volumes da *Gerichte der Poetie und Beredsamkeit*, apenas se refere a Holberg, e uma unica vez, para dizer que foram traduzidas e representadas algumas obras suas, sob a direcção de Gottsched; — Henry Hallam na *Introduction to the literature of Europe* que abrange 4 grossos volumes, fala-nos das descobertas astronomicas de Tycho (aliás Tyge) Brake; mas acerca da poesia scandinava limita-se a observar, em duas palavras, que nos primeiros seculos apresenta um caracter mais poetico do que a anglosaxonia.

(\*\*) Esta comedia tui obscena na linguagem como immoral na acção, — aliás a obra prima do theatro comico italiano antes do apparecimento das de Goldoni, — teve a honra de abrilhantar grandes solemnesidades e de abrir as portas da Franca ao theatro italiano. A 27 de setembro de 1548 subiu á scena em Lyão para festejar a presença de Henrique II, rei de Franca e de Catharina de Medicis, que a apreciaram com enthusiasmo, e a pozeram em voga no seu paiz. Para a tornar querida dos francezes, lá estava o seu typo de comedia favorito encarnado no protagonista *Calandro*, um *archi-Menelau* imbecil e grotesco. Annos antes em uma festa dada em Roma pelo papa Leão X, em honra da princeza de Mantua, Isabel, tambem, foi desempenhada por actores nobres e com grande pompa. O summo pontifice delictoso se com a obra do seu cardinal-secretario, a quem era muito affeccionado.

Dancorro aproveitou o assumpto da *Calandria* para uma comedia, e Moliere no *George Dandin* parece *y avoir pris son bien*. O cardeal Bibbiena, por sua vez, tinha ido buscal-o á historia de Tofano, o ricasso de Arezzo, como nol-a conta Boccaccio na *setima giornata* de Decamerone.

Até Hans Sachs lançou mão do mesmo thema para a farça *Das Weib im Brunnen!*

## Um casal suíço

[Episódio de bordo]



BAHIA — Igreja de S. Bento

O PAQUETE continua deitando as suas treze milhas por hora, no largo mar calmo, deserto e inundado de luz. Abate-se o fumo negro das fornalhas ao peso da atmosfera morna e debilitante. A tranquillidade é profunda, e no meio d'ella as pancadas implacáveis, monotonas e certas da machina, arrastam para o somno; e tanto, que até os proprios inglezes, de ordinario inquietos, buliçosos e dados a exercicios musculares, vão estendidos nas cadeiras, dormitando sobre os livros, em que debalde tentaram ler, apagados os cachimbos, descahidas as cabeças, abertas as boccas.

Lá veem os suíços, de braço dado, mui chegadinhos e amorosos, cada um com o seu livro na mão. Encantador assumpto para oleographia lustrosa!

Tinham casado havia pouco tempo, e iam de viagem para Santa Catharina, á procura da riqueza e bem estar, que não dão a vista grandiosa e bella dos Alpes gellados, nem a dos lagos tão azues como o céu, cujas estradas reflectem.

Elle alto, direito, louro, methodico e solemne, como palmatoria d'antigo mestre escola; Ella pequena, corada, rechonchuda, cabellos negros, covinha no queixo, e tão buliçosa, como elle era quieto. Ninguém diria, ao vel-os, senão que tinham sido feitos de proposito para viverem a cem legoas um do outro, e nunca

para passarem a vida jungidos pela eterna e pesada canga do matrimonio. Comtudo eram muito amiguinhos. Desde que casaram passavam quasi que a maior parte do tempo em estudarem a lingua portugueza... n'uma grammatica hespanhola. Expatriaram-se na intenção de encherem de filhos suíços e palavras allemãs as terras de Santa Cruz, onde ambos iam professar linguas vivas, caso não encontrassem discipulos para as mortas, em que Elle era activo.

Como passatempo dos dias calidos do Equador Elle dava-lhe, a Ella, idyllios sentimentaes a ler, antinomias de Kant a discutir, *lieds* apaixonados a cantar, musicas de Schumann a decifrar, e corava até á ponta das orelhas, quando a ouvia dirigir-se em francez a algum passageiro. Ella, porém, que tinha sido educada por uma tia, modista em Pariz, lia, meditava, discutia, cantava e decifrava, pensando nos *boulevards*, que atravessava ligeira com a caixa de fãta no braço, ou nas ribas de Surennes, onde em alegre companhia, saboreava apetitosas caldeiradas. E áquelle marido alto, louro, penteado, frio, doutor e piegas, teria preferido algum menos serio, mais vivo, mais homem e menos sabio, e quando, pela noite fóra, no balanço do paquete, que a entorpecera e enjoava, Elle começava uma longa disertação para lhe provar o que Hegel tinha de pontos de contacto com Schelling, Ella cerrava os olhos e adormecia trauteando um estribilho de canção canalha de café concerto.

N'uma d'essas noites em que apenas corre uma aragem na ponta da prôa, em que os toldos se retezam empregados da humidade, em que a vontade se annulla e o entorpecimento é geral, no meio d'uma escuridão atravessada pelo brilho das estrelas, que não illumina, e pelas mortijas lanternas do convex, Ella, sentada n'um rolo de cabos, tinha-se deixado ir no devaneio d'outros tempos, e reclinava a cabeça no hombro d'um dos officaes de bordo, e os dois... dormiam.

O marido, por acaso encaminhou-se para a ré, á procura da esposa, e presenciou o quadro. Deu um ai! terrível, como se fóra fulminado, e arrastou a creaturinha para o beliche.

E obrigando a recolher-se, aquella a quem apodava de *Messalina*, por entre o respungar de palavras, tão compridas como a legoa da Povoá, esperou sentado, hirtó e immovel que raiassem os primeiros clarões do dia para se engolfar na leitura do seu Hegel, á procura d'uma solução para o terrível problema que se lhe agitava na cabeça.

Seria perto do meio dia, quando encontrou no *Espirito objectivo* o quasi axioma do mestre: «o que é racional é real, e reciprocamente o que é real é racional.» E formando o raciocinio contrario, que julgou muito admissivel, disse: «logo tambem o que não é racional não é real.» E como não era racional que sua mulher lhe preferisse um marinheiro grosseiro, que não sabia latim nem grego, que jogava o bai, e fazia exercicios a pé cochinho; concluiu que não era real o que vira, opinião que se converteu em evidencia dada a theoria de que o *pensamento* e o *ser* são cousas identicas, e o que elle pensava era na fidelidade da sua Maria Angelica Werenfels. Para que a paz fosse sem sombras, foi celebrada com a execução d'uma incomprehensivel symphonia d'um *novu* da Suíssa, ainda não conhecido senão n'uma pequena seita de crentes.

E depois, Elle continuou estudando e raciocinando, e Ella, fortalecida com o perdão... continuou tambem!

## Cartas de Paris

Do "Boulevard."

LEMO estes dias, como aliaz fago escrupulosamente todas as manhãs, estes excellentes jornaes parisienses, tão divertidos, tão vivos, tão variados, tão bem feitos no ponto de vista profissional, apesar de muitas imperfeições, pensei uma vez mais na validade das coisas d'este mundo, que os moralistas nos indicam ordinariamente como o assumpto essencial e obrigatorio das nossas meditações, e que nós nos sentimos antes a descurar no meio do tumulto e do ruido da grande actividade parisiense.

A noção da actualidade, por exemplo, este principio vital do jornalismo, que é a essencia mesmo do nosso officio de publicistas, devia ser para nós o symbolo mais curioso e tambem o mais caracteristico d'essa realtydade das coisas, cuja evidencia nenhum escriptor, qualquer que seja a sua cultura, no ponto de vista philosophico, pôde mais discutir.

Mas, o que é que pertence ás vastas e paradoxicas regiões da actualidade; onde são os limites d'esse verdadeiro pasto do jornalismo; quaes são os acontecimentos, os phenomenos e as pessoas que d'elle devem ser excolhidos? Outras tantas interrogações perturbantes, apesar da sua puerilidade apparente, e ás quaes desejo o leitor a responder-me de uma maneira clara e irrefutavel.

N'este momento mesmo, difficil é dizer quaes são as questões do dia que preoccupam a opinião publica, n'esta cara cidade de Paris, com bastante insistencia e auctoridade, com bastante despotismo sobretudo, para que se possa classificar-as na primeira fila da actualidade, entre as estrellas de vedetta á eterna comedia parisiense.

Apresmo-me a dizer que ponho de parte a questão Dreyfus, da qual estou farto de falar, e que já não é uma questão d'actualidade, mas uma especie de penadillo, um flagello publico, e na qual os verdadeiros amigos da França, e eu sou um d'elles, ousou dizel-o, vêem uma provaçãõ historica a mais, porque este grande paiz está passando.

\*\*\*

Mas, fóra da questão Dreyfus, n'uma ordem de ideias menos irritante, não sahindo mesmo das historias inoffensivas e brilhantes d'esta existencia parisiense, tão alegre, tão seductora e que attrae os representantes de todos os povos do mundo, quaes são os factos salientes da actualidade local? A demissão do sr. de Freycinet. Oh! mas perdão, isso prende-se ainda com a questão Dreyfus! Não falemos d'ella.

O "Salon", d'este anno? Mas eu conheço muitos parisienses, mesmo entre os que não vivem como brutos, que sabem muito bem apreciar as alegrias sem iguaes de que a arte immortal é a causa fecunda, benefica e nobre entre todas, conheço muito boa gente que tem um gosto assaz mediocre por essas especies de bazares de pintura moderna, como já lhes chamava Balzac, e que nunca lá pôe os pés, nem mesmo no dia, aliaz bem parisiense, do chamado "vernissage", que é a reunião classica de toda a elegancia cosmopolita.

Bem sei que é uma moda, uma attitudão, e que é preciso aceitar o seu jogo pueril. Mas eu tomo a liberdade de me revoltar contra essa mentira inutil. Vale cem vezes mais confessar a sua incompetencia do que proclamar uma predilecção e um saber que se não possui em nenhum grau. Eu não exijo que toda a gente se occupie de philosophia, de theatro ou de musica, que são as fórmãs de creação intellectual e de contemplação esthetica para as quaes se creação intellectual e de contemplação esthetica para as quaes se dirigem as minhas preferencias pessoais, e para cujo desenvolvimento tenho contribuido, na humilde medida das minhas forças, em vinte annos de vida litteraria, como leal e antigo obreiro das letras e do pensamento.

\*\*\*

Resta-me um recurso: o theatro, consolação e ultima distracção da vida. Dois são os successos do dia: "*Le Tormentor*", de Maurice Donnay, que acaba de obter um immenso successo no Theatro-Françes, e cujas qualidades de paixãõ, de poesia e de força dramatica affirmam definitivamente a supremacia d'este maravilhoso escriptor, de um talento tão pujante e tão profundo sob apparencias sonhas, supremacia incontestavel, mesmo n'uma época como esta, que tem já produzido tantos auctores dramaticos que se dedicam a renovar as esthetica e os processos do theatro nacional francez. E "*Briséis*", a obra posthuma e inacabada do pobre e ardente Emmanuel Chabrier, que desapareceu antes da hora, tão precisamente esperada, da victoria e da desforra da sorte.

Lyre de Gattule Mendès o poema do "*Briséis*", uma obra prima de lirismo sincero, d'inspiração poetica, de grandezza tragica e de uma nobre eloquencia.

Eis os dois successos recentes, especimẽs parisienses da actualidade. E temo já "Cendrillon", de Massenet, jeto d'uma novella lyrica de amãnhã que interessa o publico, implacavel como a propria vida, caprichoso e volúvel, e cujo rapido esquecimento é a lei suprema.

E agora reparo que, em summa, entre tantas questões de actualidade parisiense, é o centenario de Balzac que offerece o interesse mais palpitate e vivaz.

\*\*\*

A celebração d'este centenario vem muito a proposito trazer ao grande publico parisiense uma util diversãõ ás preoccupações ge-

raes, e o mundo litterario acha-se inteiramente arrastado n'um movimento que não tem sómente o dom de distrair o espirito das inquietações do momento actual, mas tambem o de elevar a alma, e o de medir a nivel da mentalidade da população, constatando a maneira como ella procede para honrar uma das mais puras glorias da França.

Depois de Sainte-Beuve, de Michelet, de Chateaubriand e de Racine, Balzac participa a seu turno d'essa actualidade retrospectiva que o culto da França pelos seus grandes escriptores lhe reserva. Tanto e mais talvez do que os quatro outros, Balzac é digno das festas e dos louvores que o reconhecimento publico lhe vae consagrar.

A sua acção com effeito começa apenas; a geraçãõ actual ainda não ha muito que se comprometteru de toda a grandezza da sua obra, e é um genio quasi vivo que se vae celebrar.

Os seus contemporaneos, salvo raras excepções, não o comprehendem. Todo entregue, de resto, ao seu asombroso labor, Balzac importava-se pouco ou nada com a opinião publica. Não teve tempo de a solicitar e não a viu aproximar-se-lhe. Elle escreveu, n'um dos seus mais bellos livros, esta phrase que propheta a seu destino d'escriptor e devenda a recompensa que elle ambiciona. "*A gloria é o sol dos mortos*... A sua orgulhosa amargura vingava-se assim de certos amigos que lhe perguntavam, depois da publicação de "*Louis Lambert*", e do "*Médecin de campagne*", quando é que elle se dispunha a fazer alguma obra capital!...

O homem mesmo, o seu caracter, a sua bondade, os recursos inexgotaveis do seu espirito e do seu coração, tudo isso foi descoberto em sua vida. Fielas suas cartas é que conhecemos as suas virtudes intimas, o enthusiasmo que o dominava, as bellas affeições que elle nutria. Ellas dizem-nos quanto elle devia soffrer na sua vida tão curta e tão occupada. Se elle se resignava, na consciencia da sua força e na esperança da justiça futura, a ser tratado de "fazedor de novellas", pelos myopes que o rodeavam, outras angustias o assaltavam mais dolorosamente.

Cheio de dividas, em virtude de especulações infelizes, Balzac escrevia para as pagar. Com o fim de apaziguar os seus credores, sempre intractaveis, fazia prodigios de trabalho que assombravam os livreiros e os impressores. — "Depois de tantas obras, quando terèi eu cinco centimos de meu?", dizia elle — "Mettel-os hei certamente n'uma boa moldura, porque constituirão só por elles toda a historia da minha vida!... Pode-se dizer que Balzac não teve um unico dia de tranquillidade e que a sua morte foi precipitada pela "febre da honra, que o minava para o pagamento dos seus compromissos de dinheiro."

E' a esta vontade sobrehumana de se liberar de uma situação financeira inextricavel que mais devemos a "*Comedia Humana*", a sua obra capital. De 1827 a 1848, Balzac publicou noventa e sete volumes, formando "dez mil cento e dezesseis paginas, de edição compacta, que fazem pelo menos o triplo das edições "in-octavo, ordinarias de livraria."

Seus annos mais carregados de livros são tambem aquellos em que, pelo augmento dos seus embaraços de dinheiro, elle se matava a trabalhar.

Que inferno não devia ter sido para elle o anno de 1832, em que a lista das suas obras contém a seguinte enumeracão: "*La Bourgeois*", "*La Femme abandonnée*", "*La Grenadière*", "*Le Menage*", "*Le Marquis*", "*Louis Lambert*", "*L'illustre Gaudissart*", "*Le colonel Chabert*", "*Une passion dans le désert*", "*Le Chef d'Exercice inconnu*", "*Le Cure de Fours*",! O anno seguinte, 1833, é menos carregado, conta sómente quatro obras primas: "*Séraphita*", "*Épique maigre*", "*Ferriac*", "*Le Médecin de campagne*."

E' assim foi toda a sua vida! E' comvento a maneira como este homem fala de si e da sua obra aos entes que lhe são queridos: "Sim, a minha infernal coragen ser-lhe-á recompensada. Persuado bem d'isso minha mãe, querida irmã, diz-lhe que me faça a esmola da sua paciencia; a sua dedicaçãõ ser-lhe-á levada em conta. Sahindo das minhas longas meditações, dos meus trabalhos esmagadores, repouso-me nos vossos corações como n'um logar delicioso onde eu podia meagoar-me!"... Alguns dia, quando as minhas obras forem conhecidas, vereis que de longas horas me foram precisas para pensar e escrever tanta coisa; vós me absolvereis então de tudo o que vos terèi desagrado, e perdoreis a mim, não o egoismo do homem, mas o egoismo do pensador e do trabalhador..."

Balzac chamava egoismo á paixãõ e á ternura quasi paternal com que confeccionava os seus romances. Elle falava dos seus heroes imaginarios como de pessoas vivas que elle conhecia e que todos deviam conhecer em villa d'elle.

Esta ingenuidade sublime, a facilidade prodigiosa com que Balzac se illudia, vivendo de simples projectos, realisando-os na sua imaginação, os seus sonhos continuos de independencia e de bem estar, a chamma que o invadia ao contacto d'esses sonhos, deviam certamente suavisar um pouco os seus tormentos.

Quão grande não seria a sua alegria se elle soubesse que as suas obras eram emfim lidas e comprehendidas, a sua gloria incontestada, o seu nome acclamado pela sociedade que elle pintou e adivinha desabrochada com os seus vicios, o seu tumulto e a sua grandezza!

Entre essas bras admiraveis, a mais joven, a mais apaixonada, a que nós é mais cara a todos, n'este momento mesmo, é essa "*Comedia Humana*", escripta ha meio seculo e que é talvez o monumento mais gigantesco e mais extraordinario que o genio litterario das raças do Occidente tem produzido.

Por onde se vê que, em summa, as coisas mais actuaes são as que participam caracteres d'eternidade; ellas são sempre jovens pois que são eternas.

# COIMBRA—O CENTENARIO DA SEBENTA



Cartaz da Sebenta

Foi uma festa curiosa, e sob todos os pontos de vista extraordinária, essa do Centenario da Sebenta realizada em Coimbra pelos estudantes da Universidade. Como Jano, ella teve duas caras: a do riso e a da critica.

A simples vista poderá parecer que esta alegre esturdia da mocidade academica teve apenas em mira a realisacão d'uma *pocheade* cujo fito exclusivo era despertar a gargalhada desopilante aquelles que a ella assistiram.

A mocidade, porém, foi mais longe, e no fim da scena da sua troça monumental, como só estudantes podem e sabem fazer, collocou a nota pungente de sua critica que se pode dividir em duas phases distinctas.

A primeira, a critica leve e inoffensiva, mordaz e graciosa, á corrente de centenarios que nos ultimos tempos se tem desenvolvido no nosso paiz; a segunda, a condemnacão completa, por meio do ridiculo, do velho systema de ensino universitario.

A sebenta é a tradiçào archaica da Universidade, tradiçào vinda dos tempos em que os livros não estavam vulgarizados e constituio o uso exclusivo do lente. Este lia, e da leitura adquirida formulava opiniões que depois expunha no curso e que o *sebenstro* se encarregava de escrever.

Essa scripta era depois copiada lithographicamente e constituia o cabedal academico de todos os estudantes.

Nos annos da Universidade existem sebentas celebres, que fizeram a sua época segundo a sciencia e o talento dos lentes que lhes deram origem. Claro, que á luz vibrante da moderna maneira de ser pedagogica, a sebenta é por todos os motivos uma anomalia archeologica incompativel com a illustraçào e desenvolvimento intellectual dos modernos que, quando chegam a Coimbra, já tem passado por outros institutos de ensino superior, e apreciados nitidamente como na época presente se ensina um homem a entrar na sociedade provido da competente somma de estudo para exercer uma profissào scientifica e letrada.

A geraçào que precedeu a actual era menos analyta e critica, e teve ainda o culto idolatra das antigas tradiçõe da bohemia academica. A esturdia folgazã dos academicos limitava-se a grandes troças aos caloiros com o brutal canelão, aventuras galantes com as tricianas formosas, serenatas no Mondego terminadas pela competente ceia, montarias engraçadas a um ou outro lente que cahira no desagrado dos rapazes, grandes discussões philosophicas acerca das varias escolas francezas, inglesas e allemãs, controversias esturdadas sobre a immortalidade da alma, e uma torrente impetuosa de sonetos e odas, alguns dos quaes evidenciaram poetas do mais subido quilate.

Na arca santa do ensino, era raro, porém, que algum ousasse tocar-lhe. Percebiam vagamente que o methodo era mau, detestavel mesmo, mas emfim, por elle conquistava-se a carta de bacharel, e isso bastava.

Não se compadecia com a intelligencia e aspiraçõe dos modernos deixar por mais tempo sem protesto o estafado systema de em Coimbra se fabricar um doutor.



Carro da Cabra



Coimbra—Praça da Universidade

que foi ao mesmo tempo uma lição e um protesto. Antigos academicos do tempo em que a sebenta era inviolavel, tambem lá foram recordar os passados dias d'essa mocidade feliz e ridente que não volta mais.

E até os proprios lentes da Universidade acharam graça, e sabe Deus se razão, á festa dos rapazes. Alexandre d'Albuquerque, Pad-Zé e Lopes Vieira foram a primeira hora que precedeu o seu encerramento ficou fazendo parte das tradiçõe academicas.

E no entanto a vida da sebenta é rija e vigorosa como a dos reptis que depois de mutilados não conseguem morrer. Quantos annos ella persistirá ainda como um dogma nas praxes da academia?

O golpe foi-lhe vibrado á cabeça, mas o idolo só poderá ser derribado quando lhe tirem o pedestal, e neste caso o pedestal é o conservatismo e a praxe, contra os quaes a mocidade academica se insurgiu n'uma colossal gargalhada de protesto.

O centenario da sebenta differiu muito na sua indole e intençõe do millenario de Hypocrates realisado pelos estudantes da Escola Medica de Lisboa e que foi tambem um festival academico cheio de graça, de espirito, de vida e de intencionalismo critico. Neste, o ensino não soffreu ataque nem troça, porque na Escola Medica ensina-se pelos methodos mais modernos e racionais usados no estrangeiro, acompanhando sempre os professores toda a evoluçào que dia a dia se dá neste ramo de sciencia. Para sermos justos, devemos declarar que tambem nos paizes mais adelantados e cultos tem custado muito a extinguir as seculares usanças das suas universidades. As de Paris, Oxford, Salamanca, Heidelberg, Praga, e outras, possuiam praxes e methodos que precisaram d'uma verdadeira campanha de erudiçào e protesto para serem derribados, restando ainda alguns verdadeiramente exóticos, mas em todo o caso observados pelos estudantes e pelos professores.

E' hoje leitura extremamente interessante, curiosa e instructiva ler a historia da fundaçào das varias universidades da Europa.

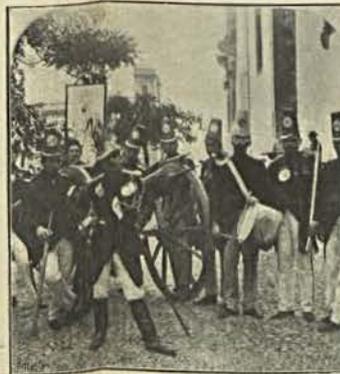
Por ella se chega ao conhecimento dos usos e costumes que lhe eram proprios, destacando-se d'elles verdadeiras singularidades que se conservaram durante muitos seculos. Da nossa Universidade de Coimbra, uma das mais antigas que se conhecem, está fazendo a sua historia o eminente litterato e abalizado professor Dr. Theophilo Braga. E' de crer que n'essa historia venham incluídas as antiquadas *ratices* inherentes a este estabelecimento de instrucção. Seja porém como fór, o que está claramente accentuado é que os espiritos mais independentes são de parecer accordo acerca da necessidade de se acabar com a *sebenta* estabelecendo na Universidade de Coimbra um novo methodo de ensino ao par do que actualmente se ministra em cursos de ordem identica.

A morte da *sebenta* principiando á gargalhada, deve acabar por um decreto de plenaria reforma do ensino academico.

Das gravuras que publicamos, devemos especialisar as do grupo *minhoto* e *artilheria liquida* que fazem parte d'uma collecçào que nos offereceu o habil photographo portuense, Aurelio Paz dos Reis e que muito agradecemos a este distincto artista. Essas gravuras pertencem a uma grande collecçào estereoscopica.



Grupo minhoto



Artilheria liquida



Cortejo na praça 6 de Maio

# A BATALHA DAS FLORES

— — — — —  
NA AVENIDA

OS DIRIGENTES



Duquesa de Palmella



Jayme Pinto



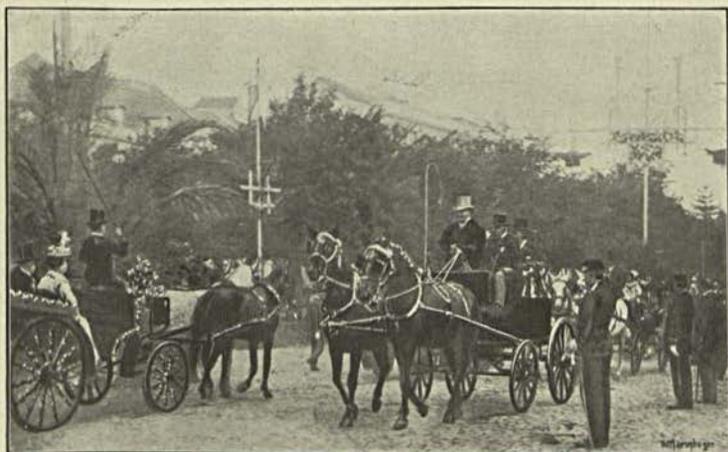
Marquiza de Rio Maior



Martinho Guimarães



Rosendo Carvalho



A carruagem de El-Rei

## HISTORIA DAS TOIRADAS

As gravuras que publicamos nas paginas 4 e 5 do presente numero pertencem á obra *Historia das toiradas*, actualmente em publicação por fasciculos, e devida á penna de Eduardo de Noronha, secretario da redacção do jornal *Novidades*, escriptor de merito e jornalista muito apreciado pelas qualidades de valor que o caracterizam.

A *Historia das toiradas*, que deve constituir um elegante e primoroso volume, contém a descripção detalhada da lucta do homem com o toiro, desde a mais remota antiguidade, em todos os paizes, assim como os combates d'este valente e possante animal com as feras mais perigosas no celebrado Colyseu de Roma.

Eduardo de Noronha reuniu para a factura do seu importante trabalho todos os elementos documentaes e historicos que poude haver ás mãos, juntando-lhe mais



A carruagem de Sua Magestade a Rainha e de Sua Alteza o Principe Real



A carruagem dos Srs. Duques de Palmella

uma preciosa collecção de gravuras coloridas e allusivas, copias de quadros notaveis de pintores de celebrada fama.

As que no presente numero publicamos nas paginas quatro e cinco, e duas das quaes que ainda não foram dadas a publico, são magnificos specimens do seu valor e interesse do assumpto que representam. D'entre ellas sobresah a que é copia do celebre quadro de Wagner «*Um combate de feras no Colyseu de Roma*» e que passa por ser um dos mais notaveis da escola allemã, existente no museu de Berlim.

A Eduardo de Noronha agradecemos reconhecidos a maneira gentilissima como nos facultou o podermos apresentar aos nossos leitores, e em primeiro logar, algumas das melhores illustrações da sua obra.

A *Historia das toiradas* tem obtido um grande exito, que decerto animará o seu auctor a abalar-se a futuros trabalhos litterarios e historicos, de tanta, ou mais importancia do que este que tão corajosamente encetou.

Artistas portuguezes de indiscutivel e encarecido merito como Roque Gameiro collaboram tambem na illustração d'este livro realmente digno de todo o interesse e curiosidade do publico.

No nosso paiz onde a arte *tauronymachica* conta tantos amadores e aficionados fazia-se realmente sentir a falta d'uma obra que desse as mais completas e detalhadas indicações acerca da antiquada lucta do homem com o toiro.



O cysne de flores

Eduardo de Noronha, procurou preencher essa lacuna sensivel na historia do toiro, e fel-o, com saber, com distincção, com meticulosidade, com esmero e proficiencia, não despresando o menor detalhe ou indicação que possam dar ao seu trabalho um complemento brilhante digno de todo o elogio.

## GALERIA INTERNACIONAL

Typos de belleza



M.<sup>lle</sup> Derieux — Actrice parisienne



João Salgado

**J**OÃO SALGADO, consul português na Bahia, foi um dos alumnos mais applicados e estudiosos do *Curso Superior de Lettras de Lisboa*, e applicando a carreira diplomatica, para ella estava naturalmente indicado, pela afabilidade do seu trato, pelos primores da sua educação, pela sua clara intelligencia, e pela sua forma de proceder em tudo correcta e pensada.

João Salgado é tambem um litterato apreciavel, tendo já publicado alguns livros que alcançaram o mais honroso exito. Principiou a sua carreira como chaceller do consulado português em Pernambuco, sendo tempo depois nomeado consul n'esse mesmo estado d'onde passou para o da Bahia onde serve actualmente. É um funcionario distincto, um intellectual de valor, e um cavalheiro completo em todos os seus actos e accões.

O *Brasil-Portugal* publicando o seu retrato presta a devida homenagem ao português illustre que, n'um dos estados mais importantes da grande Republica brasileira sabe manter com galhardia e correcção o nome do seu paiz cuidando dos interesses que lhe dizem respeito com a mais desvellada sollicitude.

## THEATROS

**A**NTES de partir para o Porto, a sociedade artistica que actualmente explora o theatro de D. Maria, de-nous ainda, em unica representação, além da *Honra*, de Sudermann, a *Lua de mel*, de Van Moser. Duas obras-primas do moderno theatro allemão, a segunda das quaes era desconhecida para o publico de Lisboa. Pois esse publico gostou de véras, applaudiu francamente; a termos que a sympathica empresa tem assim assegurada, para o começo da futura epocha, uma concorrência certa e regular, durante o tempo que levar a ensaiar peça nova, só com a representação da singela e captivante produção de Van Moser.

A *Lua de mel* é, com effeito, uma peça leve e desprezenciosa, recomendando-se por uma grande honestidade de processo, e longe, infinitamente longe, da enredação fatigante e dos *trucs* de mau gosto da comediographia de *boulevard*. N'este ponto, é innegavel hoje a grande evolução e o progresso do theatro allemão, o qual, depois do seu glorioso periodo do começo do seculo, perdéra o brilhantismo e a originalidade, descambando na archaica exploração do drama historico e nas mais rasteiras imitações francezas.

Foi então que o genio colossal de Richard Wagner empreendeu a tarefa de resuscitar a arte nacional. Assim, não se limitou ás reformas musicas que immortalisaram o seu nome; pregou tambem a revolução aos escriptores do seu paiz, fazendo-lhes ver que a litteratura d'um povo, mormente a litteratura dramatica, não pôde ter valor senão quando capzozamente synthetisa e traduz o caracter, a feição dominante, o querer e o sentir proprios da sua raça.

O certo é que os esforços de Wagner não saíram infructiferos. O seu resolutio animo aqueceu os intellectuaes, o resultado da campanha de 1870 acabou de estimular os espiritos; e hoje a moderna escola dramatica allemã ahi está de pé, fecunda, rica, impetuosa, caminhando ao mesmo tempo por duas correntes e caracterizada por duas sortes de processos: um, todo revolucionario, realista, cruel, representando-nos o lado amargo da vida, o individuo em lucta contra as convenções sociaes, e tendo á sua frente Sudermann; o outro mais suave, politico,

phantasista, evolucionador, e este apresenta nas produções de Blumenthal e Van Moser os seus melhores modelos.

## Companhia Giovannini

Depois de haver dado uma série de espectaculos no theatro D. Afonso, do Porto, com excepcional agrado, veiu aqui exhibir-se, no Collyseu dos Recreios, esta excellente companhia de canto, a qual está verdadeiramente fazendo a delicia dos lisboetas, n'esta desesperadora escassez de novidades theatras que vae correndo. É uma companhia muito completa, muito equal, muito bem vestida, dispondo d'um escolhido naipe de vozes, quanto ás primeiras figuras, e tambem, — o que não é indifferente, — d'um formoso e decorativo grupo de coristas. Todas as noites dá espectaculo, e em cada noite invariavelmente sempre uma peça nova. Recrutadas estas em todos os generos: desde o *Cin-ko-ka*, a *Galathea*, a *Mascotte*, até aos *Palhaços*, *Carmen*, *Traviata* e *Barbeiro de Sevilla*.

Ultimamente, o seu fmo empresario teve a boa idéa de contractar para um certo numero de recitas o já hoje afamado barytono portuguez, D. Francisco de Souza (Redondo). — Tudo, como vêem, são elementos de sobra para attrahir concorrência e justificar o pleno agrado que a tão completo e attrahente elenco de artistas está dispensado a publico.

A. B.

## Martinho Botelho

**N**ão é decerto desconhecido dos nossos leitores o nome d'este illustre e sympathico brasileiro, que longe da patria honra nobremente o seu paiz.

É o director d'*A Revista Moderna*, a brilhante publicação por elle fundada ha dois annos em Paris, e que constitue um dos mais bellos e fecundos exemplos de quanto pôde uma fina intelligencia, ajudada por uma robusta iniciativa. Essa luxuosa publicação, capaz hoje de rivalisar com as melhores revistas congeneres, como a *Illustration*, o *Black and White*, etc., traz na sua frente o nome prestigioso de Eça de Queiroz, e n'ella têm achado cabida e recebido homenagem muitos dos mais laureados nomes, nas lettras e nas artes, do Brasil e Portugal.

O sr. Martinho Botelho, que á sua querida *Revista* consagra o melhor da sua actividade, — tencionando agora iniciar n'ella uma série de estudos sobre os principaes escriptores dos dois paizes, — é um rapaz na força da vida, talentoso, activo, energico, e ao mesmo tempo um consummado homem de sociedade. Nascido em S. Paulo, e oriundo da distincta familia dos srs. condes do Pinhal, em S. Paulo cursou a faculdade de direito, completando depois em criteriosas viagens de estudo pelo estrangeiro a sua bella educação.

Tendo contrahido matrimonio, em S. Petersburgo, com uma senhora da primeira sociedade russa, fixou a sua residencia em Paris, onde com ardente amor continua consagrando-se á prosperidade e expansão da sua *Revista*.

Martinho Botelho — Da *Revista Moderna*

## BRASIL-PORTUGAL

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Impressão no typ. da Comp. Nacional Editora  
Largo do Conde Barão, 50Editor — LUIZ ANTONIO SANCHES  
Redacção, e adm. — R. IVES, 51 — LISBOA

## ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL		ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO	
Anno..... (moeda brasileira).....	4\$000	Anno.....	7\$000	Anno.....	5\$000
Numero avulso.....	2\$500	3 mezes.....	3\$000	6 mezes.....	4\$500
		Numero avulso.....	2\$000	Numero avulso.....	3\$500

## SUMMARIO

Chronica Electrica — BRASIL-PORTUGAL.  
Incêndios — Da «Española Nossa» (Illustrações de Celso Hernandez) — GUSTAVO TELLEZA.  
O regimento de «Alemães».  
Marta (Illustrações de Augusto Pico) — JOAO GRATE.  
Pensamentos.  
Dr. Manuel Denio de Sousa (Illustrações de Conçeição Silva) — DR. MARCELLO GUERANZ.  
Ventura — JOAO DE DEUS.  
Tredro publicado — ABELINO FONTANA.  
O theatro moderno dos Scandinavios — FRIETAS BRANCO.  
Um casal mais — (Espanha do norte) — LUIS D'ASSUNÇÃO.  
Cartas de Paris — SILVA LISBOA.  
O centenario da Sebenta.  
Historia das Teódras.  
João Salgado.  
Theatros — ABEL BORELLO.  
Martinho Botelho.

## Paginas supplementares

Os que chegam.  
Lorjô TAVARES.  
Relatorio da Sociedade Portuguesa de Beneficencia no Rio de Janeiro.  
Horas de Ocio.  
Solencia facil.

39 ILLUSTRAÇÕES

## Os que chegam

Pelo «La Plata»

Entre outros passageiros chegaram dos portos do Brasil no dia 10 do corrente pelo paquete *La Plata*, os sr.s:

**Antonio José Azeu**, considerado negociante no Rio de Janeiro, onde tem residido desde que ha nove annos deixou a sua provincia da Traz-os-Montes para onde agora se dirige.

**Antonio Ribeiro d'Abreu**, vem tambem do Rio onde foi negociante durante treze annos, sendo socio da *Beneficencia Portuguesa*. Volve para Guimarães, a terra em que nasceu.

**Antonio Gonçalves Lopes**, commerciante no Rio de Janeiro, onde esteve 5 annos. E um dos socios mais prestimosos do *Gabinete Portuguez de Lettura* e da *Associação dos Empregados do Commercio*.

**Manuel José de Sousa**, ausente dezesseis annos no Rio de Janeiro, onde tem sido negociante, dirige-se para Milheiros de Poyares, sua terra.

**José Rodrigues Duarte**, negociante no Rio de Janeiro ha vinte e tres annos, vem com sua esposa, uma distincta senhora brasileira, D. Lucia Azevedo Branco Duarte, para Sines, d'onde voltarão ao Brasil dentro de seis mezes.

**Alfredo Ferreira**, filho do Brasil. Pertence a numerosas instituições de beneficencia e dirige-se em viagem de recreio para o norte da Europa.

**João Rodrigo Ferreira de Sousa**, nosso compatriota da Ilha do Pico para a qual se dirige, vindo do Rio de Janeiro onde durante vinte e tres annos foi negociante, pertence á *Sociedade de Beneficencia Portuguesa*.

## LORJÔ TAVARES

Tem sido enorme o exito alcançado por este infatigavel director da *Revista* em todo o Norte do Brasil. Do Pará, onde o *Brasil-Portugal* teve pela sua orientação e pela sua colaboração litteraria e artistica um acolhimento excepcional, acima de toda a expectativa, igualmente penhorante, quer de portuguezes, quer de filhos do Brasil, partiu Lorjô TAVARES para Manaus, a formosa capital do Amazonas, e dentro em pouco seguirá para outros Estados do Brasil, que decerto hão de coroar de excellentes resultados a sua nobre, activa e honrada propaganda no sentido de vulgarisar uma publicação que tem por fim principal o estreitamento de relações entre os dois paizes.

Relatorio da Real e Benemerita Sociedade Portuguesa de Beneficencia no Rio de Janeiro, apresentado á assembleia geral de 26 de fevereiro de 1899 pelo presidente Visconde de Avellar

Vimos cumprir a promessa feita no numero anterior. Falar do Relatorio d'esta associação benemerita, apresentado a 23 de fevereiro d'este anno á assembleia geral, é dizer o desenvolvimento, o progresso de uma instituição portugueza que longe da patria, do outro lado do Oceano, mais exalta e engrandece o nome da nossa terra pelos rangos de beneficencia, pelos exemplos da mais santa caridade evangelica.

E um documento de alta valia que prova exuberantemente a dedicacão e o espirito de confraternidade que por laços indestructiveis liga os nossos irmãos ausentes, os que a fortuna especialmente favorece aquelles que em transe de doenca appellam para o coração e para a generosidade dos seus compatriotas.

A Sociedade Portuguesa de Beneficencia honra a nossa colonia no Rio. E o testemunho vivo do que somos e do que valemos. E o mais alto pregão da philanthropia e do altruismo que nobremente caracterizam a nossa raça.

Com muita elevação expõe n'esse Relatorio o presidente da Sociedade, o sr. visconde de Avellar, o grau de desenvolvimento a que ella chegou, e basta ler as cifras constantes dos mappaes annexos para bem se apreciar a grandezza de tal instituição. Pelo que nos toca é-nos extremadamente agradável ver as elogiosas referencias que n'esse aprecavel documento se fazem aos nossos distinctos compatriotas os sr.s Antonio Ennes, Lamproia, Barbosa Centeno e Ferreira do Amaral.

## Echos da Avenida

Este popular semanario illustrado que se publica em Lisboa den a estampa no seu numero de domingo 14 de maio, os retratos dos sr.s conselheiro Augusto de Castilho, Lorjô TAVARES e Jayme Victor, directores do *Brasil-*

*Portugal*, o Alfredo Gallia, secretario da redacção.

Vem acompanhados de palavras que muito nos penhoraram e as quaes retribuímos com reconhecido agradecimento.

## PINHO HENRIQUES

São d'este habil photographo combricense, proprietario da conhecida photographia *Combra* estabelecida na cidade d'este nome, os clichés das vistas do *carro da Sebenta*, e da *passagem do cortejo na praça 6 de maio* que illustram as paginas do Centenario da Sebenta.

A Pinho Henriques agradecemos reconhecidissimos a gentileza da sua offerta.

## Augmento de paginas supplementares

E' tal a abundancia de annuncios que á ultima hora nos chega, e especialmente de algumas casas importantes do Pará, que nos vemos na necessidade de augmentar as nossas Paginas Supplementares. Assim, de 4 serão elevadas a 5 nos numeros immediatos, e iremos augmentando essas paginas sempre que os sr.s annuncianteos queiram honrar a Revista, escolhendo-a, pela sua vasta publicacão no reino e no Brasil, para espalhar o nome ou os creditos das suas casas.

## Os nossos correspondentes

São nossos correspondentes do *Brasil-Portugal*:

No Pará — o sr. J. Simões Ferreira, casa *Very Well*.

Em Lourenço Marques — o sr. Francisco Ignaelo de Mendonça, casa *Mendonça d'Almeida*.

Muito contamos com o zelo e a solícitude d'estes cavalheiros, com os quaes poderão entender-se todas as pessoas que n'aquellas localidades tenham a tratar assumptos respeitantes á Revista.

## Horas de ocio

Charadas em verso

Se eu posso vir no jogo, —  
Tambem me vis na cozinha, —  
Um miguete ha lavra e aorta,  
Nem a prolixo mesquilha.

Tá e bello, amantado,  
No mundo das singras,  
Das protocacão, das calor,  
Comtigo todo se cria. —

Procede assim muita gente  
Seja preta ou seja branca,  
Quem o faz mal sem se sentir,  
E pessoa muito franca — 1

Quando um trecho musical  
Tu ouvir, caro leitor,  
Podes crer não te faz mal  
Se pensar a no mais valor. — 1

D'Herodes para Pilatos  
Passa três annos a fio,  
E levei muitos máus tratos,  
Sem nunca poder dar pio.

D. PENNENBELLAS.

## Charada enigmatica

Seis syllabas é o meu tolo  
Mas letras só quatro tenho;  
Se ao meio se dividirem  
Dão seis letras por engenho.

São iguaes, prima e segunda,  
Quarta e quinta também são;  
Terça, sexta, sem differença  
Não julguem ser mangão!

Mas reparam que milagre!  
Prima, segunda einda mais —  
— Quarta, quinta, sendo irmãos,  
Entre si não são iguaes!

Quer uma outra metada,  
São iguaes, reparam bem!

E qualquer metade d'estas  
Quatro letras tem tambem.

Mas espera! Eu disse quatro?  
Que grande contradição!  
Deixa-lhe os quatro ou seis  
Da o mesmo sem questão.

As do fim, — tomem sentido, —  
Menos prima, são terceiras;  
As primeiras, tem segundas  
São irmãos, são companheiras!

Podia trocar com vezes...  
Porém, alto! E o conceito?  
Não há do que se ataralhado  
Não farei nada com gesto.

Se promettim não se rir?  
— Sempre dou?  
— Troquem letras, pois sem isso  
— Nada sei.  
E que tal foi a massada?  
— Vou da-l'pa por terminada!

## Problema

Um rapaz tinha 90 ameixas distribuidas por 4 cestos. Perguntando-lhe quantas ameixas havia em cada cesto elle respondeu: se em justas 5 ameixas as que estão no primeiro cesto; se se tirasse 1 ao segundo cesto; se triplicasse as que estão no terceiro cesto e se dividiasse ao meio as que estão no quarto cesto teria em cada cesto o mesmo numero de ameixas. Quantas ameixas havia em cada cesto?

## Correspondencia em miniatura

TEM VONTADE (?) — Em o obsequiar tenho muita. Quizer mesmo publicar a sua charada a *Cacholeira*; porém como não quero apañar alguma *cacholeira* de meter os tampos dentro, vas para um cesto que tenho aqui ao lado da minha mesa de trabalho. Nada de arriscar a pelle sem necessidade.

## SCIENCIA FACIL

RECITAS BURRASAS. — Regras para mungir as vacas. — 1.º Operar rapidamente. — 2.º Mungir até a ultima gota, porque o leite do fim é o melhor. — 3.º Mungir sempre ás mesmas horas todos os dias. — 4.º Mungir em *crus*, isto é mungir primeiro a teta direita, de deante e em seguida a teta esquerda e vice-versa; o leite assim é mais abundante. — 5.º Mungir com os cinco dedos e não com o index e o polgar. — 6.º Não adoptar nenhum dosapparehos, que ha para mungir. — 7.º Para mungir as vacas novas e manhosas, levantar-lhes uma das patas deanteiras. Nunca bater-lhes. 8.º Ter sempre as mãos bem lavadas. — 9.º Enquanto se está mungindo, evitar tudo que possa distrahir a vacca; e conserval-a n'uma grande tranquillidade.

## EXPEDIENTE

Aos nossos estimaveis assignantes, que, na recepção do nosso jornal hajam soffrido qualquer irregularidade, pedimos a fineza de o participarem á nossa administração para tomarmos as devidas providencias.

## AZEITE GALACHE

EXTRA FINO

PRODUÇÃO DA QUINTA DO FREIXO Bairros de Santarém

— 2.200.5 —



Marca do productor

Classificado com distincção no Laboratorio Municipal de Lisboa, premiado com as primeiras recompensas fu todas as exposições a que tem concorrido, nas de Lisboa em 1884 e 1888, e de Tolosa em 1889, em Barcelona de 1888, em Buenos Ayres de 1890, e na grande exposição de Paris de 1889 com o grande premio de honra, e na exposição concertada, entre 400 expositores d'azule Portugal e do estrangeiro.

Este azeite é reconhecido pelas suas primeiras utilidades medicas como o melhor e mais igienico.

Três as rubras  
levam esta marca a fogo

DEPOSITO GERAL  
232, RUA DE S. PAULO, 244  
LISBOA  
(Registado)

MARCA  
DA CASA  
do depositario

## OCCASIÃO

Um magnifico retrato em tamanho natural, com expiendia moldura, custa apenas

7\$000 RÉIS!

Recebem-se encomendas das provincias enviando o retrato e a importancia em carta registada.

Photographia Julio Novaes

28 — RUA IVENS — 28

(Volgo Rua S. Francisco)

## A MASCOTE

Fabrica de carimbos em todos os generos

EDUARDO BAPTISTA

175, RUA DO OURO, 175

Esta casa tem sempre um grande sortimento do que ha de melhor em artigos de gravador. Exposição permanente de chapas com numerros para portas; chapas para ruas, etc. Grava e cunha medallas em todos os metais e de todos os desenhos.

Preços sem competencia.

## PROCURADORIA DE NEGOCIOS ECCLESIASTICOS E DE JUSTICA

DE

José Augusto Leal Pena

Solicitador da Camara e Curia Patriarchal e mais Auditorios Ecclesiasticos, por Sua Eminencia Reverendissima o Sr. Cardeal Patriarchal e dos Tribunaes de justiça de primeira instancia, Relação e Supremo Tribunal da comarca e districto judicial de Lisboa, confirmado pelo Governo de Sua Magestade Fidelissima.

Escritorio — Rua de Ouro, 140

Praça do Commercio, BOLSA DE LISBOA — Endereço telegraphico: ANEP-LISBOA

## HOTEL DURAND

English Hotel — LISBOA

71, Rua das Flores — Largo do Quintal

Este hotel, situado na parte mais central da cidade, offerece todos os confortos de uma casa de primeira classe.

## DEPURATIVO DIAS AMADO (SEM MERCURIO)

O mais notavel preparado pharmaceutico até ao presente conhecido para a cura radical da syphilis e do rheumatismo, moléstias de pelle, feridas, padecimentos do estomago, doencas dos olhos, etc., etc.

É invariavel o numero de sessões que se têm curado com este maravilhoso purificador do sangue.

Mais de duzentas entrevistas encontram-se publicadas nos jornaes mais importantes do paiz. O *Depurativo Dias Amado* é de sabor e aroma muito agradaveis e pode ser tomado por creanças e adultos de ambos os sexos, em qualquer epoca do anno. — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao

DEPOSITO GERAL — PHARMACIA ULTRAMARINA, RUA DE S. PAULO, 99 E 101 — LISBOA

Conclução da analyse a que procederam os ex.<sup>mos</sup> srs. dr. Augusto Rocha e mr. Charles Lepierre.

— Tratando-se d'um chamado *depurativo anti-syphilitico* — estava indicada a pesquisa especial dos compostos mercuriaes. — Não se sentiu utilisar alguns frascos submettendo o seu conteúdo á analyse depois de destruidas as matricas organicas pelo processo de Friesenius e Babo, não nos foi possível pôr em evidencia a existencia de mercurio apesar de termos recorrido aos processos os mais delicados que a sciencia recommenda, taes como o methodo electrolytico completo usando de cathodo constituído por um fio de ouro, o que permite reconhecer  $\frac{1}{1000000}$  a  $\frac{1}{1500000}$  de mercurio.

• Podemos, pois, afirmar que o mercurio não existe.

• Em resumo:

• O *depurativo* examinado apresenta-se como um liquido xaroposo em que predominam os assucres associadas a extractos ou cosmiientos de plantas com propriedades benignas, etc.

• Não contém elemento metalleo nocivo.

• Sob o ponto de vista das applicações therapeuticas, affirmamos:

• Que a tisana de que se trata, *enquanto munitiva a composição actual*, pôde ser administrada, etc.

• Resumidamente, pôde dizer-se que o composto é um producto da industria pharmaceutica em condições de correr no mercado.

• Coimbra, 17 de abril de 1890.

(a) *Augusto Antonio da Rocha*, lente de clinica da Universidade de Coimbra, socio correspondente da Academia Real das Sciencias, da Medicaal Society of Londres, da Academia Medico-cirurgica de Madria, etc.

(b) *Charles Lepierre*, professor de chimica na Escola Industrial Brotero e preparador do gabinete de microbiologia da Universidade de Coimbra.



## Incandescencia pelo Gaz BICO ÉCLAIR

Não electricizada, sem privilegio, mas o melhor de todos os bicos de incandescencia

Lindo e variado sortimento em artefactos nacionaes e estrangeiros, taes como: *Lyras e candeleros, Globos e Tulipas, Abajouirs communs e de phantasia, chamadas inquebraveis*, de Mica, Scott e Jena e Bohemia, **tudo por preços excessivamente economicos.**

**Lampeões Eclair** para illuminação exterior de estabelecimentos, vestibulos, esplanadas, etc.

Instalações de peras e petalas de cores imitação de luz electrica applicaveis em todos os bicos de incandescencia. **Globos de cor para gambiarras, etc.**

**CONTRACTOS MENSUAES**—Vendas a prestações.—Prevenimos o publico que não tomemos agendes, e para evitar fraudes convenm que todos os pedidos sejam dirigidos ao escriptorio.—Rua dos Correiros, 174, 1.<sup>o</sup>—LISBOA.



## Billhares de precisão

COM A CELEBRE TABELLA AMERICANA  
**MONARCH**

Pannos, Tapos, Billas e todos os accessorios

Jogos Diversos de Novidade—Cartas, Tentos e Fichas para todos os jogos

Viuva de José Alexandre de Senna

38, Rua Nova do Almada, 38 — Casa fundada em 1834 — LISBOA

PEÇAM O CATALOGO ILLUSTRADO

## ESTEVES & C.<sup>a</sup>

57, R. Garrett, 59 (ao Chialdo)—LISBOA

Depositarior das melhores Bicyclettes Inglesas e americanas **RALEIGH e STERLING**, Chialdo no Campo Grande (extremidade norte).

Officina, Rua da Barreira, 50

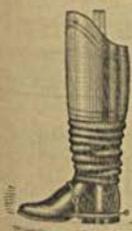
Emphas-se a andar em bicyclete gratuitamente, sendo comprada na casa. Algumas-se bicycletes. Vendas a prestações.

Telegrammas—**Bicyclette-Lisboa**

## ARMAZEM DE CALÇADO

DE

A. Alexandre Sampa & Comp.<sup>a</sup>



Calçado para homens, senhoras e creanças.

Garante-se a perfeição do trabalho, assim como se satisfaz com urgencia qualquer encomenda.

Exportação para Africa e Brasil

Rua Augusta, 114 a 118 — LISBOA



## CESAR A. PAIVA

Cirurgião dentista de Suas Magestades

e Altas

Consultorio

Rua do Arsenal, 100, 1.<sup>o</sup>

## Casa Brasileira

DE

## F. A. ROCHA NEVES

Fazendas, modas e confecções. Meias, espartilhos, mantilhas, rendas e Bias. Enxovas para noivas. Grande sortimento de fatos para creanças, em todos os generos. Preços resumidos.

277, Rua Augusta, 279

## J.<sup>m</sup> Rapozo & C.<sup>a</sup> Succ.<sup>res</sup>

## ESTOFADORES-DECORADORES

Tapetes, oleados, mobílias, estofos, cortinas, espelhos e ornamentos em diversos generos

Economia e promptidão

132 a 136, Rua Augusta, e deposito: Rua dos Correiros, 61 a 69—LISBOA

Lojas e 1.<sup>o</sup> andar

## Vereinigte Chininfabriken ZIMMER & C.<sup>o</sup>, Francfort S. M.

**Euquinina.**—Acção therapeutica igual á do quino na febre, influenza, malária, febre typhoide, coqueluche, nevralgia, etc., e como tónico a Euquinina não tem o gosto amargo nem fatiga o estomago e apresenta uma acção muito menos accentuada no systema nervoso que a quina.

Indicações:  
von Noorden: Centralblatt für innere Medicin 1896, No. 48.  
Oewlich: Deutsche Medicinalzeitung 1897, No. 15.  
Pascorossi: Gazzetta degli Ospedali e delle Cliniche 1897, No. 118.  
Conti: Gazzetta degli Ospedali e delle Cliniche 1897, No. 136.  
Friedrich: Orvosi Hetilap 1898, No. 1. Dr. F. Pich: Archiv für Schiffs- und Tropen Hygiene 1897, p. 408.  
Dr. F. Suchomlin: Wöchentliche Journal für praktische Medicin, 1898, No. 16.  
Dr. A. Fauser: Orvosi Hetilap 1898, No. 18.  
Dr. K. M. Solonzeff: Botkinische Hospital-Zeitung 1898, 5. März.  
Dr. Alexeff, Dr. Kysel, Professor Dr. Filatow: Journal de Clinique et de Therapeutiques infantiles 1898, No. 21.  
Dr. A. Mori: Settimana medica dello Sperimentale 1898, No. 26.  
Dr. G. Rondini: Il Pratico 1898, No. 18.  
Dr. K. Goniow: Wratich 1898, No. 26.  
Dr. S. Sapij: Il Raccolitore Medico di Forli 1898, August.  
Dr. Xavier Lewkowicz: Wiener Klinische Wochenschrift 1898, No. 41.  
Dr. Franz Niedermayr: Wiener Medicinischen Blätter 1898, No. 46.

**Lusatrol.**—Purgativo precioso contra os calculos biliares e outras doenças do fígado. Pode ser tomado durante meses consecutivos sob a forma de *Pilulas d'Ensatrol*, sem provocar efeitos secundarios.

Indicações:  
Blum: Der ärztliche Praktiker 1897, No. 3.  
**Valido.**—Apresenta efeitos curativos notaveis na histeria, na neurasthenia, nas affecções do estomago; n'este ultimo genero de doenças é applicado sobretudo á anorexia e ás nauseas (incluindo o corpo a bordo). Amostras, indicações, todos os outros detalhes ficam á disposição do publico.

Indicações:  
Dr. Schwersensky: Therapeutische Monatshefte, Nov. 1897.  
G. Soergnamiglio: Giornale Internazionale di Medicina Pratica 1898, No. 4-5.

**Perolas de quino Zimmer.**—Contendo sulfato de quino ou outros saes de quino em estado puro, sem nenhum intermedio. Estas perolas dissolvem-se immediatamente no esto mago e garantem assim effeito prompto e seguro.

Indicações:  
von Noorden: Die Praxis 1896, No. 2.  
Soergnamiglio: Archivio Internazionale di Medicina e Chirurgia Fase. XII. Dezembro, 1896.

**OUTRAS ESPECIALIDADES**

Quina, Cacao, Caffeina, Extractos, Preparações do leite, Chocolate de Quino Zimmer

Agente em Portugal

GERMÃO A. FERREIRA—Rua dos Fanqueiros, 174, 1.<sup>o</sup>—LISBOA

CAMBIO  
LOTERIAS  
E  
PAPEIS  
DE  
CREDITO

Rua  
do  
Arsenal  
44 e 46  
Esquina do  
Friburcho  
LISBOA

João Vierling & C.<sup>o</sup>

## Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho

FORNEDORES DA CASA REAL

## J. NUNES CORRÊA & C.<sup>a</sup>

ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

Rua do Ouro, 40, 32 e 34; Rua de S. Julião, 150, 152, 154 e 156 — LISBOA

Preziffimam-se com a maior brevidade qualquer firmamento e encomendas para exportação.—Atelier mechanico para confecção de uniformes. Garante-se em todas as encomendas a sua qualidade, perfeição e modicidade de preços.

SUCESSOR

Francisco d'Oliveira

Antigamente: Moreira Bastos & Fonseca

**Sapataria Luso-Brazileira**

Calçado de luxo para exportação  
Fabrico exclusivamente "Manuel."

93, RUA DO OURO — LISBOA

**MACHINAS**

**SINGER**

**PARA COSTUR**

**Bobina central**

Em machinas de costura é o que ha de mais maravilhoso.

E' propriedade exclusiva da importante e acreditada Companhia Fabril «Singer».

A machina **BOBINA CENTRAL** reúne as grandes qualidades essenciaes de velocidade, duração, formosura, perfeição e firmeza de ponto.

**A PRESTAÇÕES E A DINHEIRO**  
105, Praça do Loreto, 107—LISBOA  
Largo do Conde Barão, 86—Calçada da Graça, 10  
**111, Rua da Junqueira, 111**

\*\*\*\*\*

Antonio Nicolau d'Almeida, Valle & C.<sup>a</sup>

Escritorio:

Rua da Porta do Sol, PORTO

Grandes depositos de vinhos de todas as regiões de Portugal. Vinhos premiados em todas as exposições a que tem concorrido.

Marca registada. Casa fundada em 1870.

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

**Empreza Nacional de Navegação**

Correia quinquenal para a Costa d'Africa Occidental

Sahidas a 9 e 21 de cada mez, tocando nos seguintes portos:

Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thome, Cabinda, Santo Antonio do Zaire, Ambrizito, Ambiz, Louanda, Nova Redondo, Benguela, Mossamedes, Porto Alexandre e Bahia dos Tigres.

N. B.—Os paquetes que sahem a 6 não fazem escala por: Santo Antonio do Zaire, Ambrizito, Bahia dos Tigres e Porto Alexandre, e vão do dia 21 por Madeira, S. Vicente e Principe.

**Rua da Prata, 8, 1.<sup>o</sup>**

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

**PERFUMARIA BALSEMÃO**

Perfumes finos recebidos directamente dos principaes fabricantes. Finissima *Veloutine Violeta*, fabrico especial para esta casa, a qual continua a vender a peso dando paginas quantidades. Bonitas caixas com pó de arroz e varios objectos de toilette. Sempre novidade em perfumes.

**Celestino Balsemão**  
R. dos Retrozeiros, 141—LISBOA

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

**“VIOLETTE ROYALE,” Experimentem**

Perfume finissimo para o lenço —FRASCO 850 REIS

**Armazem de Novidades** (90, 1.<sup>o</sup>, R. do Carmo)

LISBOA

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

Gravura de sellos d'armas, para marbrazões, monogrammas, para cartão de visita, em laque ou alto relevo. Cartões de borracha e de metal em todos os generos. Especialidade em bilhetes de visita. E. E. de Sousa-gravador, successor de Figueiredo-gravador da Casa Real.

\*\*\*\*\*

Casa fundada em 1819  
157, Rua do Ouro, 159  
e R. da Victoria, 98 e 100 (junto à Igreja)

Este magnifico hotel, situado no melhor logar das Caldas do Gerez, e construido de proposito para o fim a que se dedica, possui além das magnificas commodidades e bom serviço, um excelente parque com jardim, bosques com arvores de boas sombras, cascatas, nascentes de finissima e deliciosa agua potavel, grande salão recreativo, offerecendo assim aos seus hospedes uma distracção como não tem nenhum outro hotel no paiz.

Qualquer correspondencia pôde ser dirigida á sua proprietaria e directora.

NO GEREZ

**Maria N. M. Salgado**

EM LISBOA

**Caza dos Oito Globos**

RUA AUGUSTA, 286

\*\*\*\*\*

**A PORTUQUEZA**

FABRICA DE CILINDROS D'ARAME  
LEITOS DE FERRO F. LATÃO  
FRANCISCO NEVES  
VENDAS A PRESTAÇÕES OU A DINHEIRO  
54—RUA DE SANTA JUSTA—56  
LISBOA

**CENTRO DA MODA**

**MALDONADO & C.<sup>a</sup>**

92 A 96, R. AUGUSTA, 92 A 96

Grande exposiçao de rouparia branca para senhoras, homens e crianças

**ESTABELECIMENTO**

DE



BONITO SORTIMENTO  
DE  
**Objectos para brindes**  
**Preço fixo**  
Vendas por atacado e a retalho

\*\*\*\*\*

**M. Saldanha & Comp.<sup>a</sup>**

Commissões e consignações, exportadores de productos nacionaes e estrangeiros.

**Rua Augusta, 100, 1.<sup>o</sup>-E,**  
Endereço telegraphico—EIXO—LISBOA

\*\*\*\*\*

